

## A construção da nação e a busca de identidades políticas em *Facundo, civilização e barbárie*

Germano Moreira Campos  
Graduando em História  
germcampos@yahoo.com.br

### Resumo

Este artigo busca analisar alguns aspectos da clássica obra *Facundo, civilização e barbárie*, identificando as características do projeto de nação que Domingo Faustino Sarmiento nutriu para a República Argentina de seu tempo (século XIX).

### Palavras-chaves

nação, identidade nacional, projeto político

### Abstract

This article searches to analyze some aspects of the classic work *Facundo, civilização e barbárie*, identifying the nation's project characteristics than Domingo Faustino Sarmiento nourish to the Argentine Republic from his time (XIX century).

### Key-words

nation, national identity, political project.

### Introdução

Ao apresentarmos o pensamento político de Domingo Sarmiento para a construção do Estado argentino pós-independente vale, em primeiro lugar, destacarmos como as escritas de caráter político-panfletário desenvolveram-se na América Latina durante o século XIX. Temos bem fundamentado o pensamento de que a construção da nação acompanhava, nesse período, a busca pelo espaço de uma opinião pública, onde ambas consistiriam em tarefas historicamente elaboradas. Para Marco Morel: Diante do poder Absolutista, havia um público letrado que, fazendo uso público da Razão, construía leis morais, abstratas e gerais, que se tornavam uma fonte de crítica do poder e de consolidação de uma nova legitimidade política.<sup>1</sup>

Esse público letrado foi o mesmo que tanto deslumbrou Benedict Anderson<sup>2</sup> quando este destacou a ação do capitalismo impresso e relacionou este à constituição das nações hispano-americanas. Os panfletos ganharam papel de destaque nas discussões político-ideológicas na América Latina do XIX, não obstante os problemas com relação a pouca alfabetização do grande público, as dificuldades de sustentação econômica das publicações (que não raras vezes por esse motivo interrompiam seus números posteriores) e a própria censura dos governos contrários às idéias neles presentes. Em sua obra *Facundo, civilização e barbárie*<sup>3</sup> Sarmiento encontra lugar para fazer julgamento a respeito da trajetória e da situação da Argentina do seu pós-independência até os idos anos da década de 1840, tendo ela própria saído através de folhetins quando do exílio de seu autor no Chile, devido às perseguições que Rosas, então presidente, fazia a seus opositores. No afã de escrever a história para se buscar a formação da nacionalidade, Sarmiento nos deixou claro seu projeto liberal para a Argentina, e a influência adquirida junto a autores iluministas nos forneceu a interessante dialética entre a *civilização*, que tem em seu centro a cidade, e a *barbárie* dos pampas onde se originaram os violentos caudilhos.

Em primeiro plano para a melhor compreensão da obra sarmientina vale observarmos as potencialidades do território argentino, destacando os vários aspectos e hábitos que este engendraria nos tipos humanos locais. Podemos notar inicialmente em *Facundo* a posição centralista ou unitária que Sarmiento prontamente adotou no pós-independência. Utilizando-se dos aspectos geográficos do território argentino, o autor nos indica a disposição predominante de planícies e os vários rios que confluíam para um único porto, onde esses eram fatores facilmente identificáveis para a garantia de

uma disponibilidade central e indivisível do projeto de Estado que almejava: A imensa extensão do país que está em seus extremos é inteiramente despovoada, e possui rios navegáveis que nunca sulcou até o mais frágil barquinho .<sup>4</sup> Poderíamos identificar nesse destaque dado ao despovoamento das planícies argentinas e à exaltação de uma potencialidade natural rios um estímulo ambicionado por Sarmiento à imigração, especialmente a européia, para que dessa forma fosse realizado com sucesso o seu projeto de integração nacional. E neste ponto, temos a diferença para os Estados Unidos, onde: A América do Norte está destinada a ser uma federação menos pela primitiva independência das plantações do que pela sua ampla exposição para o Atlântico e as diversas saídas para o interior .<sup>5</sup>

Mas a mesologia não seria apenas favorável para a Argentina, uma vez que, em contrapartida, os problemas e estes não eram pequenos estariam na configuração do seu território: O mal que aflige a República Argentina é a extensão: o deserto a rodeia por todas as partes, se lhe insinua nas entranhas; a solidão, o despovoado .<sup>6</sup> Nesse momento notamos que, em Sarmiento, os campos argentinos irão gerar, em meio a seu deserto populacional e institucional, a mal quista e degenerada figura do gaúcho.

Por habitar os vastos e desertos pampas, o gaúcho é confundido com a austera paisagem e com os animais do meio, dos quais se alimenta e adquire suas feições pouco sociáveis. Se Sarmiento compara as paisagens argentinas dos pampas aos cenários orientais (como os da Turquia, Marrocos e Japão), seu maior objetivo consistiria em barbarizar o espaço americano em questão. A sociologia agrária que o autor desenvolve pode ser melhor apresentada pelas palavras de Luis Werneck Vianna em: O Oriente no Ocidente (...) um mundo povoado por beduínos americanos, onde predominam as relações ainda mais dissociadas que as das tribos árabes, nas quais ao menos existiria a tradição e a religião emprestando fundamento à vida social .<sup>7</sup> O gaúcho habitante do campo adquire o hábito de viver em isolamento, onde a ausência de uma vivência minimamente política conduziria a uma vida bárbara, violenta e despótica: no campo não há *res pública* .

A única instituição que serve ao gaúcho é a sua própria força e habilidade física que a árdua vida no campo o ajudaria e o forçaria, como que por uma questão de sobrevivência a desenvolver um aprendizado prático, instrumental que serviria às suas necessidades mais primitivas. Se relacionarmos a figura do gaúcho à dos caudilhos como Facundo Quiroga e Rosas que se colocarão sobre o cenário político argentino, podemos concordar com Maria Lígia Prado, pois: dos solitários pampas argentinos surgiu o despotismo .<sup>8</sup> A presença de uma natureza que estimule a coragem e a falta de um espaço público e de meios legítimos que pautem sua ação, degeneram o vício do caudilhismo <sup>9</sup>, situação também presente na ótica de Luis Werneck Vianna.

Como Sarmiento fora muito influenciado por intelectuais e viajantes estrangeiros torna-se possível relacionar, até certo ponto, suas impressões àquelas que Frederick Jackson Turner<sup>10</sup> fizera sobre a natureza norte-americana. Porém, vale a ressalva de que, enquanto o homem da fronteira representaria as condições de um futuro glorioso para os Estados Unidos, na Argentina, e para Sarmiento, os homens de fronteira são desprezados ao extremo, considerados elementos portadores, não dos ideais mais puros de civilização e progresso, mas da falta de governo e da destruição, conforme sua natureza bárbara não conseguiria ocultar. O campo é também identificado por nosso autor como o local onde deveria se efetivar o extermínio e o total afastamento dos elementos indígenas argentinos, uma vez que sua incapacidade de transformar a natureza em que vivem (como seres brutos) decorre do fato de esta lhes ser totalmente inteligível, e o progresso material impossível de ocorrer através de suas ações. Diferentemente, é claro, do homem ilustrado europeu, no qual o progresso científico encabeçaria as transformações engendradas pelo seu processo civilizador<sup>11</sup>, do qual Sarmiento muito se admirava.

Para evidenciarmos um pouco mais detalhadamente a origem das idéias de Sarmiento sobre a natureza dos pampas e seus habitantes, basta identificarmos a influência que, dentre outros, De Pauw Buffon<sup>12</sup> deixou em sua obra. Especialmente para este europeu, a América consistia em um continente imaturo, os indígenas eram débeis e um ambiente de putrefação se mostrava presente desde as origens desse território<sup>13</sup>. Diferentemente da América do Norte, sua irmã latina não formou artistas locais capazes de refutar essa visão estrangeira de degeneração do nosso homem e do nosso meio: os europeus que aqui desembarcaram e que não se dedicaram em frisar a imagem do atraso e da barbárie ficaram extasiados com o exótico da nossa paisagem, mas nada que se compare a uma refutação da idéia de nossa atrasada evolução.

O gaúcho americano seria um elemento estacionado em certa fase do seu desenvolvimento, na qual: Assim, em matéria de caminhos, a natureza selvagem ditará a lei por muito tempo e [sobre o qual] a ação da civilização será débil e ineficaz.<sup>14</sup> Sua diferença das tribos árabes na visão de Sarmiento era que, enquanto estas eram em sua maioria nômades, o pastor das planícies americanas possuía o solo, cuja ocupação resultou de um espalhamento para dominar a terra, com a posterior formação de, quase que, feudos isolados, onde as leis, a civilização e a política não funcionariam. Haveria uma completa ausência de associações e instituições no campo ambiente em que, conforme identifica Ernest Gellner, a homogeneidade cultural não teria lugar no meio agrário: o estilo de vida isolado estimula uma espécie de distanciamento cultural e lingüístico, e a divergência é sua conseqüência lógica.<sup>15</sup>

Para enfatizarmos a influência das fronteiras em *Facundo*, é importante frisar a dicotomia cidade *versus* campo, ou civilização *versus* barbárie nele presente. A cidade aparece como grande elemento de civilização de qualquer país, seja ele novo ou antigo. É ela quem detém todas as estruturas – escolas, lojas, fábricas, diversão, instituições políticas e militares, sistema bancário – é o espaço da formação, da lei e dos gestos cortesês. Em Sarmiento, as cidades seriam as bases reais da construção política, e nelas residiriam a fundamentação que ele almejava para sua nação. Mas à medida que nos afastamos das mediações da cidade, mudam-se os hábitos, os costumes e se chega ao *habitat* bárbaro e hostil dos elementos gauchescos, conforme já mencionamos.

Também no campo coexistem, além do gaúcho-mau, o músico (que não é aquele educado ao piano, ou ao violino como ditava os modos europeus), o rastreador, o vaqueano e também o poeta. Quando nosso autor diz que: os camponeses têm seus cantores próprios<sup>16</sup> é como se esses hábitos dos camponeses se afastassem do ideal de vida que se pensava para o povo argentino, que seria o urbano, frente ao outro, rural e atrasado. Nesse sentido, o gaúcho seria uma faceta ruim e inadaptada (aos modos civilizados) do povo argentino, assim como os habitantes das cidades – seu oposto e tipo ideal – também o seriam. Eles, separados, em nada contribuiriam à formação da nação argentina, que só poderia existir com a vitória das cidades sobre os campos: a identidade cultural seria buscada a partir das cidades e esta consistiria em elemento essencial para se formar enquanto uma interessante contribuição à construção nacional.

Definitivamente, Sarmiento pensava que os costumes americanos deveriam ser transformados à moda européia. Como podemos notar em José Carlos Chiaramonte<sup>17</sup>, quando este nos apresenta as diversas variações que os vocábulos políticos adquiriram ao longo do tempo, é possível identificar em *Facundo* que a própria rudimentariedade dos atos dos gaúchos, e seu aprendizado em meio à natureza, servira em algum ponto – ou em algum momento – para a República Argentina. Nesse ponto, podemos destacar o momento da luta contra os espanhóis pela independência, quando os hábitos civilizados do europeu foram heroicamente subjugados pela força bruta e pelas destemidas ações do elemento gaúcho, embora estivesse não no campo, mas no âmbito das cidades, onde a revolução teve seu grande impulso.

Dessa forma, se o elemento gaúcho, em Sarmiento, serviria para desenvolver um nacionalismo argentino durante a batalha pela separação, não o seria mais bem-vindo num período posterior, o que veio a resultar na guerra civil, especialmente a partir da década de 1827, mas que pode ser observada desde a separação, em 1816. Isso porque a nação argentina não se formou com o grito de independência, e mesmo a Revolução de 1810 poderia ser vista como um processo em movimento onde os vocábulos políticos, que serão realçados neste trabalho, poderiam se mover a cada momento, uma vez que o processo histórico estava ainda em andamento, e constantes reconfigurações eram possíveis a cada lado da disputa interna.

### **A primazia das cidades e a oposição entre Córdoba e Buenos Aires**

A guerra se efetuou, num primeiro momento, entre as cidades argentinas e os espanhóis e, depois, sendo garantida a separação, os caudilhos – formados entre os gaúchos dos pampas – lançaram sua cobiça ao poder individual sobre as cidades. Notamos que da guerra pela independência resultou uma classe que dominou as diretrizes econômicas e que, por extensão, teria seus objetivos alcançados pelos governos que ascenderam ao poder: Rosas será um desses governantes que Sarmiento, apaixonado pela

construção da nação e ressentido com os rumos que esta estava adquirindo, deixou de destacar por se concentrar em Rosas, Facundo e outros caudilhos. Frente às ambições dos caudilhos, as cidades sofreram a destruição de sua estrutura física e de seu universo cultural e econômico: humilhações contra os cidadãos ilustres, assassinatos, fugas de pessoas, tudo isso resultou da invasão dos caudilhos no período considerado. Sarmiento chega a lamentar que: duzentos anos não seriam suficientes para recuperá-las <sup>18</sup> [as cidades].

A oposição de Sarmiento ao federalismo, a que objetivavam os caudilhos como Facundo Quiroga e Rosas, era evidente. Os unitários consistiam num grupo minoritário, homogêneo e tinham forte influência do liberalismo, no qual a liberdade de comércio e uma dada europeização das diretrizes econômicas poderiam ser sentidas.

Muitos autores se interessaram pela fórmula das idéias fora de lugar <sup>19</sup>, a qual atribuía ao liberalismo latino-americano um viés fortemente conservador, devido à assimilação desse conceito ao universo americano e a sua história tradicionalmente colonial não muito distante. Destoando dessa concepção, temos Palti<sup>20</sup> o qual infere que o chamado liberalismo conservador do qual fazia parte Sarmiento não teria nascido na América, mas fora, também, uma tradição espanhola que se instituiu no espaço sul-americano. Ainda nesse momento, em crítica a Benedict Anderson e outros autores que consideravam a importância do nacionalismo como elemento construtor de nações, Chiaramonte nos apresenta que aqueles não consideravam que, ao invés de cultuarem as nacionalidades, as elites americanas se preocupavam mais com suas ambições contratualistas, típicas dos fundamentos jusnaturalistas da política nesse período em questão.

Embora Sarmiento considerasse as cidades como o centro daquilo que vem a ser a civilização e que além dos seus limites estariam os campos bárbaros, o autor estabelece uma diferença entre Buenos Aires e Córdoba, duas importantes cidades argentinas. Nesse momento, o nacionalismo sarmientino estava associado ao lugar onde certas idéias, que encorajavam ações, eram forjadas: falemos de um nacionalismo urbano centrado em Buenos Aires.<sup>21</sup> Isso uma vez que Córdoba, não obstante sua declarada beleza hispânica, era apresentada como uma cidade dotada de uma feição eminentemente medieval, reduto do clericalismo e do conservadorismo ibéricos. E esta era uma situação que impedia ou dificultava especialmente o unilateralismo religioso que possuía aquilo que para Sarmiento seria essencial para a melhoria das condições do povo, dos costumes e para o futuro da própria nação argentina: a imigração estrangeira. Ainda sobre Córdoba, podemos explicar essa rejeição religiosa Escolástica de Sarmiento com as seguintes palavras de Guerra: como se pode ser ao mesmo tempo, independente, republicana e católica? <sup>22</sup> Esta cidade foi ainda o ponto de concentração da resistência espanhola durante a Revolução, centro de oposição aos interesses verdadeiramente nacionais .

Em contrapartida, Buenos Aires em 1810: pulula de revolucionários habituados em todas as doutrinas anti-espanholas, francesas, européias .<sup>23</sup> Tal frase nos permite mesmo observar que o grande modelo e exemplo de República para Sarmiento são os Estados Unidos, haja vista o fascínio que a imigração inglesa deixou sobre nosso autor, uma vez que os ibéricos eram vistos por ele como povos de segunda ordem , e sua marcante influência toquevilleana.<sup>24</sup> O comércio é livre em Buenos Aires e as idéias iluministas européias encontram sempre seguidores, e mais:

O contato com os europeus de todas as nações é maior ainda que em qualquer outra parte do continente hispano-americano: a *desespanholização* e *europeificação* se realizaram em dez anos de um modo radical.<sup>25</sup>

Córdoba e Buenos Aires traduziam cada uma os valores, respectivamente, de conservadores e liberais para o futuro político da República Argentina, e não é difícil perceber a posição de Domingo Sarmiento.

A Argentina de então era composta de duas sociedades distintas e rivais: uma espanhola, européia, civilizada, e a outra bárbara, americana, quase indígena <sup>26</sup>; que a guerra não fez mais que incentivar sua luta, e que teve como grande resultado a submissão das cidades aos desmandos dos caudilhos rurais. São valores opostos que percebemos em choque durante a Revolução: de início, temos patriotas contra realistas, ou revolucionários contra conservadores. E depois:

É natural que o partido vencedor se subdivida em frações de moderados e exaltados (...). Mas quando numa revolução uma das forças chamadas em seu auxílio se desprende imediatamente, forma uma terceira entidade, que se mostra hostil a realistas e patriotas.<sup>27</sup>

Essa terceira via seria representada pelos caudilhos que, ao contrário de representar o espírito nacional ou um patriotismo argentino emergente, atuavam sempre em busca de suas próprias recompensas materiais: representantes do bem descrito individualismo desenvolvido nos pampas e magistralmente abordado por Sarmiento. A partir do momento em que o laço colonial argentino se desfaz, as elites locais teriam a tarefa de reestruturar a forma de governo contando, nesse momento, com novas bases que não eram mais os tradicionais ditames espanhóis. O grande problema foi que essas elites crioulas se encontravam desunidas com relação ao tipo de roupagem a se dar para a República: a aparência federalista ou uma conformação mais unitária? Sarmiento aparecia dentro desse último grupo, mas os acontecimentos levados ao cabo após a queda de Bernardino Rivadavia<sup>28</sup> alteravam a situação em benefício dos federais, incorporados por Facundo e Rosas.

### Facundo Quiroga, o grande caudilho dos pampas

A importância da biografia de Juan Facundo Quiroga, o anti-herói da obra em questão, estaria no destaque dado à análise do desenvolvimento da situação política argentina. Facundo, o terrível caudilho que ceifaria centenas de vidas, definindo o destino de muitas províncias por onde passar, já demonstraria seu caráter de excessiva violência e insociabilidade desde os anos de infância. Disse Sarmiento que Facundo: na escola era altivo, insociável e solitário; não se misturava com os demais meninos a não ser para encabeçar atos de rebeldia e para golpeá-los.<sup>29</sup> Aos quinze anos matara o primeiro homem, já evidenciando as características iniciais de insociabilidade do futuro caudilho. À medida que cresce, vai Facundo se metendo cada vez mais no jogo de cartas seu grande vício e nas brigas, que não raramente terminavam em punhaladas e mortes.

Sarmiento utiliza da frenologia muito comum no século XIX para tecer a aparência e, por extensão, a composição moral e psicológico-intelectual de Facundo Quiroga. O sombrio de sua tez morena e seus atos de pura audácia e maldade fazem nosso autor compará-lo ao temível tigre de los llanos; animal cruel e traiçoeiro que se alimenta de carne humana e que habita os pampas. O Facundo trabalhado por Sarmiento resumiria em si e muitas vezes ao retrato de Rosas também cabia essa função os vários caudilhos que preencheram o cenário argentino do pós-independência, impedindo esse país de se tornar uma nação sob o signo das luzes, segundo queria nosso autor em seu projeto político. Conforme podemos ver: Vieram se completar em Rosas, o legislador dessa civilização tártara que ostentou toda a sua antipatia à civilização européia em torpezas e atrocidades sem nome ainda na história.<sup>30</sup>

Sarmiento relaciona o federalismo existente entre as províncias argentinas a modos de governar em benefício dos caudilhos, nunca com relação à sociedade como um todo, conforme representava eu individualismo. O projeto unitário e centralista de Sarmiento entenderia que a nação não pode ser vista no esfacelamento federalista, mas apenas na completa união das suas províncias (visão orgânica), caso contrário o que se manifestaria seria a extensão de interesses particulares caudilhistas. O Estado argentino antecederia a construção da nação, e o poder dos caudilhos se tornava o grande empecilho para que tal empreendimento pudesse se implementar pela via unitária: Quiroga exercia o poder de perseguir e destruir todos aqueles que se opunham a seus desejos.

### As disputas pelo poder: Rosas, Facundo e o futuro da Argentina

A ascensão de Rosas em Buenos Aires se inseriu no contexto da queda, em 1827, do governo unitário de Bernardino Rivadavia que enfrentou a dura oposição dos caudilhos ao projeto de Constituição para a Argentina. Com Rosas grande desafeto de Sarmiento em seu *Facundo* espalham-se o terror e a falta de governo; a bandeira do país, antes representada por duas faixas azuis que indicariam justiça, paz, justiça durante o breve governo unitário, é substituída pelo colorado de Rosas. E Sarmiento,

de acordo com a simbologia que lhe é peculiar vai identificar esse colorado com a violência e a falta de governo que dominava a Argentina. As cores do Marrocos, ao manto dos reis déspotas, ao sangue humano que também é colorado servem para a analogia da barbárie: Toda a civilização se expressa em trajes, e cada traje indica um sistema de idéias inteiro.<sup>31</sup>

A identidade federalista seria construída através do uso público de adereços colorados, e para Sarmiento, - unitário que era, não pelo seu total fascínio à cultura européia, mas porque ele via realmente que eram os unitários aqueles que possuíam um projeto nacional de governo, o que significava terror, sangue, barbárie, para Rosas incorria em unidade de opinião e no lema morram os asquerosos, selvagens, imundos, unitários. Os caudilhos como elementos federalistas, na ótica sarmientina, governavam a partir do terror e deste modo garantiam tanto o apoio do cidadão, que entregava sua fortuna e se submetia ao governo despótico frente à ameaça de morte, e dos próprios gaúchos, que dispunham seus braços e suas facas às causas dos chefes caudilhos. O tom de panfleto político da obra de Sarmiento se torna visível nesse ponto de sua obra. Para nosso autor:

O terror de 1793 era um efeito, não um instrumento (...). O terror entre nós [argentinos] é uma invenção do governo para abafar toda consciência, todo espírito de cidade e forçar finalmente os homens a reconhecerem como cabeça pensadora o pé que lhes oprime a garganta; é uma desforra que toma o homem inépto armado de punhal para vingar-se do desprezo que sabe que sua nulidade inspira a um público que lhe é infinitamente superior.<sup>32</sup>

Sarmiento apresenta a grande evolução do poder de Facundo Quiroga e o seu domínio sempre através da violência que chega a submeter oito das treze províncias argentinas: Tucumán, Salta, Jujuy, Catamarca, La Rioja, San Juan, Mendonza e San Luis. Facundo se torna o maior caudilho do interior e sua ascensão culmina no esfacelamento de toda e qualquer autonomia dessas regiões, dominadas e marcadas a ferro e fogo como o gado dos pampas. Aumentando junto com o poder dos caudilhos, o federalismo argentino é relatado por Sarmiento como a desunião e o aumento da anarquia interna do país.

O grande desfecho da obra se inicia com o aumento do poder nas mãos do caudilho Facundo, que chega a despertar os cuidados de outros caudilhos, seus antigos companheiros de campanha. Inicia-se uma espécie de luta muda, sem a medição de forças entre as partes dissonantes, mas a audácia e a astúcia sempre estão presentes de ambos os lados. Para Sarmiento esta era: a guerra que deveriam fazer entre si as duas facções da República, os dois caudilhos que disputavam em surdina o comando, devia ser apenas [uma guerra] de emboscada, de laços e traições<sup>33</sup>, uma luta à moda dos gaúchos. O autor pretende nos dizer que os interesses federalistas dos caudilhos não representariam os interesses da nação argentina ainda em gestação, tanto que a partir do momento que seus poderes atingem um nível elevado, as aspirações em torno de seus individualismos (poder/influência) falariam mais alto que qualquer identidade ou aspiração coletiva.

Com o desenvolvimento dessas lutas cegas e mudas, Facundo Quiroga seria assassinado em Barranca-Yaco, onde um gaúcho-mau Santos Pérez seria considerado o executor de tal ato. Nesta situação o nome de Rosas pairaria sob todas as suspeitas. Por fim, Sarmiento sustenta que um mês após a morte de Facundo a Argentina teria se entregado totalmente a Rosas, que exigiu poderes ditatoriais para tentar transformar o Estado argentino: O Estado é um quadro em branco em que ele [Rosas] vai escrever uma coisa nova, original (...). É um gênio, enfim, que esteve lamentando os erros do seu século e se preparando para destruí-los de um golpe.<sup>34</sup> Sarmiento criticava o não apego do governo de Rosas às instituições européias, centro irradiador para a possível formação da incompleta nação argentina na concepção de uma transnacionalidade pautada ainda na imigração oriunda no programa dos unitários. O apelo ao gênio de Rosas poderia representar a seguinte indagação: como construir instituições e uma civilização do nada? Ou seja, a Argentina não teria a experiência histórica necessária nem seria berço para se retirar de suas entranhas uma nação civilizada.

Ao mesmo tempo em que Rosas se imaginava portador de um ideal *americano* de governar, Sarmiento o satirizava ao inferir que, na Argentina do período, o fuzilar europeu estaria sendo substituído pelo degolar, tão típico do gaúcho-mau dos campos argentinos. A despeito dessa vertente étnica,

que carrega o vocábulo *americano* utilizado por Rosas, a grande identidade observada em seu governo seria aquela de caráter político, uma vez que, segundo podemos perceber em Chiaramonte, Guerra e outros, a cultura e os costumes poderiam destacar a Argentina no continente sul-americano e este da Europa, haja vista as semelhanças junto à Espanha que se mostraram problemáticas durante a guerra de independência, mas que ainda não se mostravam resolvidas.

A partir de Buenos Aires, Rosas passa a controlar pela força o destino das demais províncias, que não raramente tiveram seus antigos governadores assassinados pela força (e também em nome dela) do governador de Buenos Aires. Dessa maneira Rosas construía, com muita dificuldade, uma espécie de unidade na República Argentina, não porque tivesse se tornado um unitário, mas muito pelo contrário: depois que todos disserem *federação*, está claro que há unidade.<sup>35</sup> Na ausência de uma Constituição, Rosas governava um Estado onde se ausentava sua qualidade de soberania mas que era levado adiante. Como se pode perceber, esse governo buscava a adesão a partir da força, situação essa que não é o projeto sarmientino de nação.

Frente aos desmandos de Rosas e as suas freqüentes agressões aos europeus, a França decreta um bloqueio à Argentina, e Rosas não tarda em utilizá-lo como uma afronta contra o seu pronunciado *americanismo*. Esse nacionalismo, latino-americano e argentino, que Rosas dizia representar foi, para Sarmiento, pretexto para que o governante pudesse cada vez mais, sugar as riquezas nacionais em proveito próprio sob a cobertura de um virtual interesse que se dizia *americano*.

Para Sarmiento, a ponta da faca de Rosas unira no exílio tanto os unitários quanto os federais contrários a seu governo individualista. Finalmente, o autor expõe as possibilidades de um novo governo do qual necessitava a Argentina para superar as crises que vivia. Seus principais objetivos são: estimular a imigração (essencial no projeto de nação), navegação fluvial, educação, liberdade e apoio à imprensa, liberdade de religião e opiniões, justiça, comércio interno e externo. De todos os projetos que Domingo Sarmiento nutria em torno da construção da nação argentina, a educação inclusive tema de diversos escritos seus representava sua grande paixão, e a forma mais eficaz de transformação da barbárie existente na civilização que tanto destaca no presente *Facundo*.

### Considerações Finais

Embora seja polêmica a escrita de Sarmiento, sua contribuição para a construção da história da Argentina e, por extensão, a da própria América Latina, foi de suma importância para aqueles que se depararam com essas impressões na época e para os muitos estudiosos que vieram se debater com o assunto em questão.

Tendo em vista o que foi apresentado, é possível notar que o projeto de nação, que orienta a obra de Sarmiento, se pauta em princípios político-deológicos de uma determinada transnacionalidade americana, uma vez que seu liberalismo e as propostas que apresenta ao futuro da nação se relacionam não à valorização dos elementos tipos naturais e humanos americanos, mas a modelos europeus de educação e civilidade e das instituições democráticas norte-americanas.

A nação, para Sarmiento, se mostra revestida pelo ideal político que estudos como os de Guerra e Chiaramonte<sup>36</sup> nos ajudam a identificar como uma forma que mesmo não tendo sido inventada pela Revolução Francesa, se fortaleceu a partir daí. Como tratamos do projeto de uma Argentina moderna, Sarmiento considera que é tarefa do Estado garantir a cultura, que estaria na base das transformações para o progresso nacional. Citando Gellner, seria também para Sarmiento: um Estado, uma cultura; uma cultura, um Estado<sup>37</sup>, e a defesa da cultura e do ensino das cidades deveria se constituir como tarefa do Estado, uma vez que estaria aí o motor para as futuras transformações e estruturas que se queriam para a Argentina de Sarmiento.

### Bibliografia

ALONSO, Paula (comp.). Construcciones impresas, panfletos, diários y revistas em la formación de los Estados nacionales em América Latina, 1820-1920. Buenos AiresFonde de Cultura Económica, 2004  
ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

- CHIARAMONTE, José Carlos. *Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII*. In: JANCSÓ, István. *Brasil: Formação do Estado e da nação*. São Paulo: HUCITEC, 2003.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador – Formação do Estado e Civilização*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- GELLNER, Ernest. *O advento do nacionalismo e sua interpretação: Os mitos da nação e da classe*. In: BALAKRISHNAN, Gopal. (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- GUERRA, François-Xavier. *Inventando La Nación*. México: Fondo de Cultura, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A nação moderna*. In: JANCSÓ, István. *Brasil: Formação do Estado e da nação*. São Paulo: HUCITEC, 2003.
- MOREL, Marco. *As transformações dos Espaços Públicos*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- PALTI, Elias José. *La invención de una legitimidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- POMER, Leon. (org). *Sarmiento: Política*. São Paulo: Ática, 1983.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. *Sonhos e disilensões nas independências latino-americanas*. In: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999. p.53-73.
- \_\_\_\_\_. *Para ler Facundo de Sarmiento, Natureza e identidade nacional nas Américas*. In: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999. p.53-73.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.
- VIANNA, Luis Werneck. *Americanistas e iberistas: a polêmica de Oliveira Viana com Tavares Bastos*. In: *Dados Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 34, nº 2, 1991, p. 145-189.

## Notas

- <sup>1</sup> Marco MOREL. *As transformações dos Espaços Públicos*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- <sup>2</sup> Ver em: Benedict ANDERSON. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- <sup>3</sup> Utilizamos-nos para este trabalho da seguinte referência: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- <sup>4</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. *Facundo, civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 65.
- <sup>5</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. *Facundo, civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 69.
- <sup>6</sup> *Ibidem*, p. 76.
- <sup>7</sup> Luis Werneck VIANNA. *Americanistas e iberistas: a polêmica de Oliveira Viana com Tavares Bastos*. In: *Dados Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 34, nº2, 1991. p. 151.
- <sup>8</sup> Maria Lígia Coelho PRADO. *Para ler Facundo de Sarmiento, Natureza e identidade nacional nas Américas*. In: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 214.
- <sup>9</sup> Luis Werneck VIANNA. *Americanistas e iberistas: a polêmica de Oliveira Viana com Tavares Bastos*. In: *Dados Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 34, nº2, 1991. p. 152.
- <sup>10</sup> *Op. Cit.* Maria Lígia Coelho PRADO. *Para ler Facundo de Sarmiento, Natureza e identidade nacional nas Américas*. In: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 172.
- <sup>11</sup> A respeito das discussões acerca do processo de avanço dos costumes civilizados, buscar em: Norbert ELIAS. *O Processo Civilizador – Formação do Estado e Civilização* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- <sup>12</sup> Podemos dizer que a natureza sempre foi fonte de paixões, medo, mistério e mesmo respeito. Nas idéias de Buffon, a natureza feia e mirrada da América era flagrante da sua inferioridade e submissão diante da Europa vista como exuberante. O ambiente úmido que a tudo apodrece nas américas seria o resultado de sua prolongada imersão nas águas oceânicas, e o determinismo desse ambiente insólito faria com que os animais encontrados em certas partes da Europa, como o tigre e o camelo, por exemplo se tornassem animais menores e menos vigorosos. Este cientificismo negativo atribuído à América será combatida, nos Estados Unidos, pela conhecida Escola do Rio Hudson, da qual Fenimore Cooper e Asher B. Durand são alguns de seus grandes nomes.
- <sup>13</sup>. *Op. Cit.* Maria Lígia Coelho PRADO. *Para ler Facundo de Sarmiento, Natureza e identidade nacional nas Américas*. In: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 183.
- <sup>14</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. *Facundo, civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 70.
- <sup>15</sup> Ernest GELLNER. *O advento do nacionalismo e sua interpretação: Os mitos da nação e da classe*. In: Gopal BALAKRISHNAN. (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000 p. 113.
- <sup>16</sup> Ernest GELLNER. *O advento do nacionalismo e sua interpretação: Os mitos da nação e da classe*. In: Gopal BALAKRISHNAN. (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 89.
- <sup>17</sup> José Carlos CHIARAMONTE. *Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII*. In: István JANCSÓ. *Brasil: Formação do Estado e da nação*. São Paulo: HUCITEC, 2003.
- <sup>18</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. *Facundo, civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 124.
- <sup>19</sup> A esse respeito, trabalhamos com o conceito desenvolvido por Roberto SCHWARZ em seu: *Ao vencedor as batatas*. São



Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.

<sup>21</sup> Elias José PALTÍ. **La invención de una legitimidad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

<sup>22</sup> Leon POMER. (org.). **Sarmiento: política**. São Paulo: Ática, 1983.

<sup>23</sup> François-Xavier GUERRA. A nação moderna. In: István JANCSÓ. **Brasil: Formação do Estado e da nação**. São Paulo: HUCITEC, 2003. p. 202.

<sup>24</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 166.

<sup>25</sup> As leituras de Sarmiento da **Democracia na América** muito influenciaram sua visão sobre a possibilidade de se aproximar a Argentina com os Estados Unidos, através da implantação ou mesmo um transporte das tradicionais instituições civis norte-americanas em solo latino. Não raramente, Sarmiento se imaginou pelo seu nível de formação do qual sempre se gloriara como o Tocqueville da América Latina, objetivando levar adiante a obra do célebre francês, que do seu aguçado espírito de análise e erudição se achava herdeiro.

<sup>26</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 167.

<sup>27</sup> *Ibidem*. p. 109.

<sup>28</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 115.

<sup>29</sup> O governo unitário de Rivadavia vigorou por pouco tempo na Argentina, apenas entre 1827 e 1829. Depois disso o poder de caudilhos como Facundo e especialmente Rosas solapam para si o poder no país.

<sup>30</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 132.

<sup>31</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 138.

<sup>32</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996 *Ibidem*, p. 182.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 237.

<sup>34</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 259.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 280.

<sup>36</sup> Domingo Faustino SARMIENTO. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 292.

<sup>37</sup> Para maiores esclarecimentos, ver em: José Carlos CHIARAMONTE. **Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII**. In: JANCSÓ, István. **Brasil: Formação do Estado e da nação**. São Paulo: HUCITEC, 2003; E ainda: François-Xavier GUERRA. **Inventando La Nación**. México: Fondo de Cultura, 2003; François-Xavier GUERRA. **A nação moderna**. In: István JANCSÓ. **Brasil: Formação do Estado e da nação**. São Paulo: HUCITEC, 2003.

<sup>38</sup> Ernest GELLNER. O advento do nacionalismo e sua interpretação: Os mitos da nação e da classe. In: Gopal BALAKRISHNAN. (org). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000 p. 135.